ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DOS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS E EXTRALINGÜÍSTICOS QUE INFLUENCIAM A PRONÚNCIA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NA COMUNIDADE DE BREJO DO CRUZ[1]

Josenildo Forte de Brito

INTRODUÇÃO

A língua, sistema abstrato, não é estática e está sujeita a freqüentes evoluções. São evoluções lentas e que dependem de vários fatores, como os lingüísticos e extralingüísticos. No primeiro, temos a influência do próprio sistema sobre as evoluções e, no segundo, temos as influências sociais como a idade, o sexo, o grau de escolaridade, etc. Mas é na fala que primeiro se dão essas mudanças, para só depois serem registradas na escrita. Devido ao caráter dinâmico da língua, num mesmo espaço de tempo podem estar em "conflito" algumas variantes, "que são as várias maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto" (Tarallo, 1990, p.8). A essa ocorrência de diferentes variantes, num mesmo espaço de tempo, alguns sociolingüistas vão chamar de "caos lingüístico". Para isso, a Sociolingüística, ciência que tem como objetivo revelar a covariação entre fenômenos lingüísticos e sociais[2], propõe que "combatamos esse caos", ou seja, que o analisemos e o sistematizemos.

Dessa forma, é que, observando o falar da comunidade de Brejo do Cruz, no sertão da Paraíba, percebemos que há uma variação do **/S/** pós-vocálico. Nela encontram-se em conflito cinco variantes: as alveolares /z/ e /s/ (Ex. /treyzmeys/) , a palatal /š/ (Ex. /vištia/), a aspirada /h/ (Ex. /mehmu/) e a não pronúncia zero /0/ (Ex. /dey**0**di/) Sendo assim, gravamos fala de moradores dessa cidade no intuito de identificar e analisar os contextos lingüísticos (tipos de segmento seguinte ao s: vogal, consoante ou pausa, e sonoridade da consoante seguinte: surda, sonora não soante, sonora nasal e sonora oral) e extralingüísticos (fatores sociais como sexo, idade e grau de escolaridade) em que essa variação pode ocorrer.

Para a realização deste trabalho foi utilizada a **Teoria Variacionista**, corrente da Sociolingüística iniciada pelo norte-americano William Labov, na década de 60, que, por seus métodos estatísticos, ficou conhecida também como Teoria **Quantitativa.** Esta corrente tem como objeto de estudo as *variantes lingüísticas*. Por ser uma teoria sociolingüística, os fatores lingüísticos e extralingüísticos não podem ficar de fora da pesquisa.

---

[1] Trabalho realizado na disciplina Sociolingüística, em agosto de 1996, no período 96.1, ministrada pela Professora Drª. Maria Auxiliadora Bezerra.

[2] DUBOIS, Jean. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cutrix, 1993 , p. 165.

A COLETA DE DADOS

O corpus desta pesquisa foi coletado no município de Brejo do Cruz, sertão da Paraíba, fronteira com o estado do Rio Grande do Norte. O município conta com uma população de 14.000 habitantes. Lá, foram entrevistados 36 informantes, num total de 5 horas e meia de gravações, mas para este trabalho serão analisados apenas seis informantes.

A seleção dos informantes foi feita através do conhecimento que tínhamos dos habitantes da cidade, sendo a grande maioria dos entrevistados amigos, parentes, ou amigo de um amigo do entrevistador. Assim, no ato da entrevista, já tínhamos em mente os fatores extralingüísticos que mais fortemente poderiam influenciar a fala dos entrevistados.

Após as gravações, os entrevistados foram divididos de acordo com os seguintes fatores extralingüísticos: sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Porém, apesar do *corpus* possuir apenas seis informantes, tentamos distribuí-los de forma que, em cada célula, tivéssemos, mais ou menos, o mesmo número de informantes, o que não foi possível com o fator faixa etária, conforme mostra a tabela I abaixo:

TABELA I

Descrições dos informantes

Fatores extralingüísticos	**Células**	**Número de informantes**
Sexo	masculino	3
	feminino	3
Grau de escolaridade	1° grau completo, ou incompleto	2
	2° grau completo, ou incompleto	3
	3° grau	1
Faixa etária	15 a 30	1
	31 a 45	4
	46 acima	1

As gravações ocorreram ora na residência do entrevistado, ora na do entrevistador, ora na residência de um amigo do entrevistado. A eles não foi entregue nenhum roteiro com perguntas, apenas sugerimos um tema livre sobre o qual eles poderiam falar, desde que o assunto envolvesse de uma forma direta ou indireta a comunidade em estudo. Assim, eles poderiam falar sobre um episódio da sua infância, seus sonhos, seu trabalho e também de assuntos mais gerais como educação, política e economia. De início as gravações tenderam a um maior grau de formalidade, tornando-se mais informais à medida que os informantes se envolviam emocionalmente com seus relatos.

Vale salientar que, antes de cada entrevista, era preenchida, pelo entrevistador, uma ficha contendo dados pessoais dos informantes.

Depois de realizadas as gravações, passamos para a transcrição das fitas, utilizando-se, para isso, o Alfabeto Fonético Internacional com algumas adaptações e modificações.

ANÁLISE DOS DADOS

A pronúncia do /s/ pós-vocálico é um assunto razoavelmente estudado no português do Brasil. Podemos citar alguns trabalhos na linha variacionista, como o de Callou e Marques (1975), Gryner e Macedo (1981) e o de Scherre e Macedo (1991). Vale salientar que foi por esse último que nos basemos para a análise do dados de nosso trabalho, para a qual agora partiremos.

Na tabela II abaixo, temos a freqüência global das quatro variantes do /s/ pós-vocálico.

TABELA II

Freqüência geral das variantes do /s/ pós-vocálico

Alveolar (s, z)	451/762 = 59%
Palatal (š[3])	147/762 = 20%
Zero (0)	116/762 = 15%
Aspirada (h)	47/762 = 6%

Pela tabela acima, percebemos claramente que houve uma maior incidência da pronúncia alveolar (59%), seguida da palatal (20%) e da não pronúncia zero (15%) e, por último, da pronúncia aspirada (6%). Observe-se que, apesar da pronúncia aspirada e da não pronúncia zero serem estigmatizadas socialmente, houve uma incidência bastante significativa dessas duas pronúncias, chegando, juntas, a somarem 21% do corpus coletado.

Passemos, agora, à análise dos fatores extralingüísticos sobre as variantes. Na tabela III temos os resultados da variável sexo.

TABELA III

Influência do fator extralingüístico sexo na pronúncia do /s/ pós-vocálico

	FEMININO	MASCULINO
Alveolar (s, z)	259/490 = 53%	193/272 = 71%
Palatal (š)	099/490 = 20%	048/272 = 18%
Zero (0)	090/490 = 18%	026/272 = 9%
Aspirada (h)	042/490 = 9%	005/272 = 2%

[3] Não utilizamos o fonema /z/ por ele não ter aparecido nenhuma vez.

Notemos que tanto os homens quantos as mulheres utilizaram mais a pronúncia alveolar (s-z) e menos a pronúncia aspirada (h). Se compararmos os dois *corpus* perceberemos que as mulheres utilizaram mais a pronúncia aspirada (9% contra 2%) e a não pronúncia zero (18 contra 9%), quando se esperava o contrário. Estudos nessa área comprovam que as mulheres primam mais pela fala do que os homens.

Na tabela IV abaixo, temos os resultados da variável faixa etária. Nela percebemos que há um crescimento gradual (da 1ª a 3ª faixa etária) da não pronúncia zero (2%, 14% e 29%) e da pronúncia aspirada (1%, 6% e 10%), e um decréscimo na pronúncia alveolar (84%, 59% e 41%). Estes dados são de grande relevância, uma vez que mostram uma maior incidência das estigmatizadas (/h/ e /0/) pelo informante mais velho (46 anos acima) e uma menor incidência destas pronúncias pelo informante mais jovem (15-30 anos), enquanto que com a pronúncia alveolar se dá o contrário.

Pelos dados obtidos podemos inferir que o informante da 1ª faixa etária é mais cuidadoso em seu falar, tentando usar mais as formas de prestígio em detrimento das estigmatizadas, enquanto que o informante da 3ª faixa etária, que é o de menor escolarização, não prima tanto pelo uso de formas de prestígio. Já os informantes da 2ª faixa etária parecem demonstrar bem o quadro de mudança pelo qual passa a evolução do /s/, na comunidade delimitada, que é o uso mais freqüente da pronúncia alveolar e a ascensão da pronúncia aspirada e da não pronúncia zero.

TABELA IV

Influência da faixa etária na pronúncia do /s/ pós-vocálico

	15 - 30 anos	31 - 45 anos	46 acima
Alveolar (s, z)	105/ 126 =84%	274/ 461 = 59%	072/ 173 = 41%
Palatal (š)	017/ 126 =13%	096/ 461 = 21%	034/ 173 = 20%
Zero (0)	003/ 126 = 2%	068/ 461 = 14%	050/ 173 = 29%
Aspirada (h)	002/ 126 = 1%	028/ 461 = 6%	017/ 173 = 10%

Na tabela V abaixo, temos a última variável extralingüística que é o grau de escolarização. Comparando-se os dados da tabela abaixo, percebemos que há um decréscimo (do 1º ao 3º grau) na pronúncia zero (27%, 11% e 9%), bastante significativo, pois mostra que os informantes do primeiro grau utilizam mais a estigmatizada /0/, enquanto os dos outros dois graus falam menos essa pronúncia. Uma resposta para esse fenômeno talvez seja a aquisição de domínios lingüísticos, o que, porém, não se pôde comprovar com a outra estigmatizada /h/, que apesar de ter seu índice maior no 1º grau (9%), apresentou quase a mesma porcentagem com o informante de 3º grau (8%), enquanto que o de 2º ficou com 3%. Já com as alveolares houve um crescimento gradual, do 1º ao 3º grau, (46%, 64% e 67%).

Assim, comparando-se as três células do fator grau de escolarização, podemos notar que os informantes menos escolarizados utilizam mais as pronúncias

estigmatizadas e menos a de prestígio, enquanto que com os informantes de graus superiores se dá o oposto, como era de se esperar.

TABELA V

Influência do grau de escolarização na pronúncia do /s/ pós-vocálico

	1° Grau	2° Grau	3° grau
Alveolar (s,z)	100/ 219 = 46	230/ 361 = 64%	122/ 182 =67%
Palatal (š)	040/ 219 = 18	079/ 361 = 22%	028/ 182 =16%
Zero (0)	059/ 219 = 27	040/ 361 = 11%	017/ 182 = 9%
Aspirada (h)	020/ 219 = 9	012/ 361 = 3%	015/ 182 = 8%

Do que vimos até agora, podemos perceber que os fatores extralingüísticos seguem a mesma freqüência das variantes na tabela geral (II), ou seja, a sobreposição da pronúncia alveolar e uma menor recorrência das pronúncias estigmatizadas /h/ e /0/, que estão em ascensão. Vale ressaltar ainda que o fator faixa etária foi o mais significativo quanto à influência sobre as variantes do /s/.

A tabela VI mostra a influência dos segmentos fonético/fonológicos seguintes ao /s/ travando sílaba. A maior ocorrência das variantes foi antes de consoantes (66%), seguida pela pausa (22%) e, por último, as vogais (12%). Notemos, também, que não houve ocorrência da pronúncia aspirada e da palatal antes de vogais e pausa, enquanto que a pronúncia alveolar e a não pronúncia zero ocorreram antes dos três segmentos. Assim, podemos notar que a não pronúncia zero está tomando cada vez mais espaço no falar desta comunidade, como demonstram os exemplos abaixo:

/a0miazbunekias0/

/trey0dia0/

/oytidia0kuoitinoyti0/

TABELA VI

Influência do seguimento seguinte na pronúncia do /s/ pós-vocálico

	CONSOANTE	VOGAL	PAUSA
Alveolar (s, z)	232/503 = 46%	086/093 = 92%	133/ 165 =80%
Palatal (š)	143/503 = 29%	-	-
Zero (0)	077/503 = 16%	007/097 = 8%	032/ 165 =20%
Aspirada (h)	047/503 = 9%	-	-

A partir da tabela VII abaixo, podemos concluir que a pronúncia alveolar e a não pronúncia zero ocorrem diante de todos os contextos analisados, sendo que elas ocorreram mais diante de sonora não soantes (b, v, d, g). Já a palatal ocorreu apenas antes de surda, mais especialmente da surda /t/ . E a pronúncia aspirada diante de todos os contextos com exceção das consoantes surdas.

TABELA VII

Influência da sonoridade da consoante seguinte ao /s/ pós-vocálico

	SURDA [p, f, t, q]	SONORA NÃO SOANTE [b, v, d, g]	SONORA NASAL [m,n]	SONORA ORAL [l]
Alveolar	124/306 =40%	060/095 =63%	034/078 = 43%	006/ 012 = 50%
Palatal	146/306 =48%	-	-	-
Zero	036/306 =12%	033/095 =35%	003/078 = 4%	002/ 012 = 17%
Aspirada	-	002/095 = 2%	041/078 = 53%	004/ 012 = 33%

A partir dos dados analisados, pudemos fazer a seguinte sistematização quanto aos contextos lingüísticos em que as variantes do /s/ podem ocorrer:

- *Alveolar /s/* - ocorre antes de pausa e consoante surda;
  Exemplos: [idepoys /] , [avedemaysprafora].
- *Alveolar /z/* - antes de vogal, de consoante sonora não soante, sonora nasal e sonora oral;
  Exemplos: [mayzomenus], [peluzgovehnuzné], [dizlóka]
- *Palatal /* š */* - ocorre apenas da surda [t];
  Exemplos: [fešta], [vištu].
- *Aspirada /h/* - antes de consoantes sonoras nasais, não soantes e oral;
  Exemplos: [mehmu], [nuvoatrayhdinigey].
- *Zero /0/* - antes de todos os contextos lingüísticos analisados.
  Exemplos: [ayzbunekia0diplašticu], [esaskoyza0mehmu].

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos, podemos concluir que na comunidade observada detectou-se mais a pronúncia alveolar do /s/ (s-z), em posição pós-vocálica, seguida da pronúncia palatal, depois a não pronúncia zero e por último a aspirada.

Quanto às variáveis lingüísticas e extralingüísticas, percebemos uma forte influência dos fatores lingüísticos, o que não quer dizer que não houve influência dos fatores extralingüísticos. Destes, o mais significativo foi o da variável faixa etária. Este fator demostrou que o informante mais jovem utiliza menos variantes estigmatizadas do que o informante mais velho, que utilizou mais estigmatizadas. Algo parecido se deu com o fator grau de escolarização. Houve um crescimento gradual (do 1º ao 3º grau) na pronúncia alveolar e um decréscimo na não pronúncia zero.

Sendo assim, podemos concluir que os informantes da faixa etária jovem (15-30 anos) e os informantes de grau de escolarização superior tendem a primar mais pela fala, usando menos pronúncias estigmatizadas, enquanto que o informante mais velho (de 46 anos) e o de grau de escolarização inferior não primam tanto pela fala.

Já os fatores lingüísticos parecem ter uma maior influência sobre as variantes em estudo, principalmente a variável "influência da sonoridade da consoante seguinte". Assim, a pronúncia alveolar e a não pronúncia zero ocorrem mais antes de sonoras não soantes, a palatal antes de surda e a aspirada de sonoras nasais. Vale ressaltar ainda, que a palatal /š/ já tem contexto definido na comunidade estudada, antes da consoante surda /t/, enquanto que as outras ainda se encontram em conflito, havendo uma ascensão das estigmatizadas /0/ e /h/, que estão ocupando cada vez mais lugares nos contextos lingüísticos.

Para finalizar, queremos dizer que quando usarmos os dados dos 36 entrevistados e acrescentarmos outras variáveis lingüísticas, visto que estas foram apenas as que mais influenciaram a pronúncia do fonema em estudo, teremos, talvez, resultados mais definitivos.

BIBLIOGRAFIA

1. ARAGÃO, M. do S. S. Análise Fonético-fonológica do Falar Paraibano. João Pessoa: Universitária/ UFPb, 1977.
2. BORBA, F. da silva. Introdução aos Estudos Lingüísticos. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1984.
3. DUBOIS, Jean. Dicionário de Lingüística. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
4. LOPES, Edward. Fundamentos da Lingüística Contemporânea. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
5. MALBERG, Bertil. A Fonética. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
6. MOLLICA, A. J. (organizadora) Introdução à Sociolingüística Variacionista. Cadernos Didáticos: UFRJ, n° 4.
7. SCHERRE, M. M. P. & MACEDO, A. V. T de . "Variação e mudança: o caso do /s/ pós-vocálico" . In: ABRALIN n° 11, 1991.
8. TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolingüística. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.